

SERMAO
NAS
EXEQUIAS

Do muito Alto, e Poderoso

SENHOR

D. JOAÃO V,

QUE EM A IGREJA DE SAN-TIAGO DA VILLA
de Pena-Macor fizeraõ os seus Senadores.

RECITOU-O

M. R. P. F. R. ANTONIO

DA CHARNECA,

*Religioso da Ordem do Patriarca Serafico na Provincia
da Soledade, Ex-Leitor de Theologia Moral, assis-
tente no mesmo Convento de Pena-Macor.*

DADO A' LUZ

POR

JOSEPH ANTONIO

DAS NEVES.

*Bacharel formado em a Universidade de Coimbra, cor-
deal amigo do Autor, e natural da Villa de Thomar.*

L I S B O A:

Na Offic. de MANOEL DA SYLVA.

Anno de M. DCC. LI.

Com todas as licenças necessarias.

SERMAO

NAS

EXEQUIAS

Do muito Alto, e Poderoso

SENHOR

D. JOAO V.

QUE EM A IGREJA DE SAO TIAGO DA VILLA

de Paris-Me cor haxido os seus sermões

RECITO

M. R. P. F. ANTONIO

DA CHARNECA,

Religioso do Orden do Patriarcha de Lisboa e Provincia

da Saldade, Ex-Cantor de Theologia Moral, e

teuto no mesmo Convento de Paris-Me cor.

DADO A LUZ

POR

JOSEPH ANTONIO

DAS NEVES

Reitor do Collegio de S. Joao de Coimbra, e

depois de S. Joao, e natural da Villa de Thomar.

LISBOA:

No Off. de MANOEL DA SILVA.

Anno de 1711.

Com o valor de 1000 Reaes.

270

A V E M A R I A

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

*Immortalis est memoria illius, quoniam nota est
apud Deum, & apud homines.*

QUANDO oh Parca dura, inimiga declarada dos viventes: muito alto, e poderoso Rey, e Senhor nosso. Quando cessarás de fazer ostentaçãõ do teu rigor feróz, e da tua tyrannia inexoravel? Quando acabará a tua altivez presunptuosa, com que aspiras a elevar teu negro folio de descarnados ossos sobre os mais excelsos thronos? Quando abaterás aquella insolente soberba, com que ansiosa sollicitas te rendaõ triste vassallagem aquelles mesmos, aquem até a fama paga feudo? Aquelles, aquem erigio columnas, levantou padroens, dedicou estatuas, e obeliscos, immortalizando por este modo a sua gloria, para que nem ainda depois de sepultados se riscassem da memoria dos homens seus illustres fastos, o que observou com os Augustos, com os Alexandres, com os Xerxes, e Filippes? Quando haõ de ter fim teus execrandos insultos, com que usurpas da mão do Supremo Pastor da Igreja as chaves de ouro, da dos Principes Ecclesiasticos as dignidades, da dos Reys o sceptro, e da dos Generaes os bastoens.

Quando chegará aquelle taõ desejado dia, em que para termo das nossas penas se cortaraõ tuas pallidas azas, com que accelerada remontas teus vôos até ao Libano a despontar com a fouce curva na mão as pontas dos cedros, aos mais eminentes montes a cortar os louros, e as palmas, e com a mesma apressada ligeireza desces aos valles a decepar as rasteiras plantas, e a segar o humilde feno? Quando finalmen-

te compadecida de nosso extremo penar deixarás de multiplicar golpes para nos renovares dores ? Quando ? Mas para que he repetir lamentos queixosos aquem, assim como faz gala de ter vendados os olhos para cortar ás cegas, tem por brazaõ mostrar-se furda ás noslas queixas, para que se nos perpetue a magoa, se não he (como entendo ser) que tendo por tymbre glorioso o ser tyranna, a mesma deprecação humilde a incita a executar as mais crueis atrocidades : Es ó morte dragaõ mais cruel, que o mesmo tigre ; pois quanto mais fina he a pena, com que em tua presença se pulsaõ as cordas do coração humano, tanto mais te embraveces furios : vá Anfião tocar a sua cithara em as mais agrestes solidos, que as mesmas penhas attrahidas da consonancia lhe hiraõ no seguimento ; vá Orfêo ás portas do inferno com a lyra, que ao seu tóque aplacada a furia de Plutaõ, lhe restituirá daquelle abyfmo a sua querida Euridice ; mas se contigo se fizer a mesma diligencia, até a consonancia do instrumento passará a estimulo da mayor fereza : isto he o que fazes ó morte tyranna, e nunca mais cruel, que na occasião, que motiva recitar esta Oração fûnebre.

Mas quem tal dissera, que se havia atrever a morte contra a columna mais firme da nação Lusitana ! Contra o modêlo dos Princepes, e exemplar dos Monarcas ! Quem tal cuidára, que se havia arrojarse com a sua fouce hum golpe em hum dos mais florentes ramos da Real arvore de Bragança, quero dizer, na dignissima vida do muito Alto, e Poderoso Senhor, perde a vóz o alento para articular seu nome ; estála o coração de pena, por renovar com o nome a dor, e a faudade ; porê m se he lance forçozo o repetilo, do muy Alto, e Poderoso Senhor D. Joaõ V. Rey de Portugal, a cuja faudosa, e sempre feliz memoria se consagraõ (pelos seus mais cordeaes, nobres,

bres, e reverentes vassallos da antiga, e leal villa de Pena-Macor) estas fúnebres exequias, se tributaõ estas demonstraçoens generosas de sentimento, e se dedica este lûgubre, e magestofo aparato; fim pois a tanto como isto chegou o atrevimento da morte.

Em annos dilatados andou a morte cõmetendo ao nosso Serenissimo Rey com a multiplicidade de accidentes, com que pertendia dar-lhe o golpe; e sendo já a sua ferida mortal, se fizeraõ precés publicas, e particulares, pela sua taõ necessaria vida; porém nem tiveraõ despacho as supplicas de todo o Reyno, nem foraõ attendidas as vozes das cõmuas depreçaçoens da Corte; taõ cruel se mostrou aquelle estrago das vidas, que não só não deferio aos rogos humildes, mas accrescentou mayores motivos á magoa; porque se em tantos annos lamentámos ao nosso Augusto Monarca enfermo, fez que no dia 30 de Julho deste presente anno o chorassemos sem remedio morto: ô rigor mais cruel! O' fereza de tigre o mais bravo! Quando esperavamos enxugar as lagrymas, necessitar-nos a dar principio ao novo pranto? Oh atrocidade sem igual, e tyrannia sem semelhante; quando confiavamos dar alegres, e reciprocos parabens pela feliz faude do nosso Augustissimo Rey, obrigar-nos a vestir de luto para expressar pezames de sentimento pela sua morte? Isto he ó verdugo deshumano, Parca dura, o que fez a tua tyrannia; rogarte cõmiserança foy estimulo para executares a mais atróz maldade; nem pódes negar o ser isto assim, porque o estaõ publicando essas ardentes linguas de fogo, essa abrazada pyra, esse funesto tumulto, esse taõ magestofo, como triste mausoléo, e o está silenciosamente expressando o sentimento, e geral magoa, que se reconhece neste nobilissimo, e pio Auditorio.

Porém onde nos levas o sentimento! Suspensaõ-se as lagrymas, e ponha-se termo ao pranto, que se da

se da nosſta viſta nos faltou hum taõ inclito, e catho-
lico Monarca, foy para lograr em o Ceo outra vida
mais feliz; he verdade, que nos deixou, mas foy
para que auſentando-fe deſte deſterro de penas entraſſe
com a gloria de immortal na feliz patria de delicias:
acabou a peregrinaçaõ, em que andava havia 60 annos
9 mezes e 8 dias, mas foy para melhor reynar em o
domicilio dos viventes; eſtava neſte ſombrio valle,
e foy por mandado de Deos ſubir ao alto, para em
premio das ſuas heroicas virtudes lograr como immor-
tal o excelſo trono do Empyreo; e ſe todas as virtudes
vivem na memoria da fama com ſymptomas de mor-
taes, ſó Deos, que he eſſencialmente eterno, lhe póde
dar a gloria de huma perpetua duraçaõ. Eſta ſem du-
vida he a cauſa, porque o divino Oraculo affirma,
que ſó he privilegio de hum juſto a eternidade da me-
moria: *In memoria æterna erit juſtus*; porque ſe Deos
coſtuma coroar em o Ceo o merecimento das virtudes
com huma gloria eterna, tambem as coſtuma premiar
na terra com huma gloria immortal. Naõ vio ainda o
mundo outro Monarca mais digno da immortalidade
da memoria, que o noſſo Auguſtiſſimo Rey D. Joaõ,
que Deos tem; porque ſe todas as virtudes o conſti-
tuiraõ juſto, foy porque naõ houve alguma, de que o
ſeu Real animo ſe naõ adornaffe; e ſe para a memoria
ſe conſtituir immortal, ha de ſer conhecida de Deos,
e dos homens: *Immortalis eſt memoria illius, quoniam
nota eſt apud Deum, & apud homines*; como nas pala-
vras do meu thema diz Salamaõ, ſerá aſſumpto deſte
panegyrico o moſtrar, que a memoria do noſſo Au-
guſtiſſimo Rey D. Joaõ ſe fez glorioſamente immortal
para Deos, e para os homens: motivos, que neſte
penſamento me confirmaõ expreſſar a Oraçaõ fune-
bre pela narraçaõ historica de ſua exemplar, e juſti-
ficada vida.

DIS-

DISCURSO.

I Magine a morte o que quizer , que se ella se persuadir , que na ruína do nosso Augustissimo Rey dava a conhecer a inexoravel jurisdicção do seu imperio , saiba que a seu pezar vive coroado de gloria na vida da admiracção ; sim cahio rendido da crueldade da morte aquelle milagre do valor , e da generosidade El Rey nosso Senhor , mas das injurias do tempo o resgátaraõ gloriosamente as suas catholicas acçoens ; e se a violencia de hum achaque lhe cortou a vida , que em naõ ser mais dilatada , teve prejuizo grande a Republica , como entendo Santo Ambrosio : *Quàm beata fuisset Respublica, si eum diutius servare potuisset;* naõ padeceria a sua gloria semelhante desgraça , por quanto será eterna sem intermissaõ de louvor ; sim fez a morte tyranna alvo da Real Pessoa do nosso inclito Monarca , mas despedindo settas para o abraçar : *Sagittas suas ardentibus effecit* ; errou o tiro (e naõ he muito , que erre hum taõ grande alvo , quem atira ás cegas) se naõ foy , que com effeito acertou ; porèm achou taõ incontrastavel resistencia , que as mesmas farpadas settas , com igual , ou mayor violencia á com que foraõ do arco , dando no alvo retrocederaõ , e se empregaraõ na mesma morte , que as atirava ; sendo esta huma das occasioens , em que se vio verificada a certissima sentença do Psalmista : *Draco iste, quem formasti ad illudendum ei* ; e querendo o cruel dragaõ tirar-lhe a vida , se valeo das mesmas armas da morte para conseguir a victoria , obrando nesta occasiaõ o mesmo , que o valeroso David ; pois com a mesma espada , que cingia para o matar , cortou a cabeça áquelle monstro da natureza o gigante Goliath , e assim havia de ser ; porque ainda que entre o Rey de Israel ,
e o nosso

e o nosso inclito Monarca, não ha a menor analogia em quanto á razão das penas, que nos motiva, e em quanto ao motivo das penas, que nos causa, há entre hum, e outro Rey, semelhança nas Monarquias, e nas armas; sim.

Porque se o Rey de Israel foy hum Monarca, a quem Deos constituiu Rey: *Constitutus sum Rex ab eo*; tambem o Monarca de Portugal foy hum Rey, a quem o mesmo Deos fez Monarca. *Volo in te, & in semine tuo imperium mihi stabilire*: se El Rey David tinha por armas as cinco chagas figuradas nas suas cinco mysteriosas pedras: *Quinque David lapides erant Christi quinque plagæ*; cinco chagas, explicadas nas suas sagradas Quinas, são as armas de Portugal: finalmente se David tinha por armas a Cruz figurada no baculo: *Quem semper habebat in manibus*; tambem o desejado da nossa faudade teve por armas o lenho, e signal da Cruz: *In hoc signo vinces*: e se David, sendo Monarca eleito por Deos, com as armas da Cruz ficou na memoria gloriosamente immortal, seguramente podemos dizer, que nas suas heroicas acçoens ficou o nosso Augusto Rey D. João com a excellencia de immortal; pois não só foraõ conhecidas por Deos, mas tambem manifestas aos homens: *Immortalis est memoria illius, quoniam apud Deum nota est, & apud homines*.

Agora poderemos conhecer a pouca razão do nosso pranto, pela falta do nosso Augustissimo Monarca: nenhuma couza temos para tristes lamentos na sua ausencia, muitas sim para vivas, acclamaçoens, e applausos; porque a separação, que de nós fez, foy para sua, e nossa mayor utilidade; foy apartamento em tudo semelhante, ao que fez aquelle varaõ nobilissimo, de quem faz menção o Evangelho, para empunhar o ceptro, cingir a Coroa, e tomar posse de hum dilatadissimo Imperio: *Homo quidam nobilis abiit in regionem longinquam accipere sibi Regnum*; e para se assentar

assentar em hum excelso, e magestoso sólio dos muitos, que há em aquelle Reyno: *In domo patris mei mansiones multæ sunt*; he que de nós se ausentou o nosso Serenissimo Rey. O coração do nosso Monarca disputava grandezas com o de Alexandre, e era tanto mais dilatado, e generoso, que não cabendo já em Portugal, foy preciso buscar mayores Reynos, que este foy o discreto conselho, que a seu grande filho deu Philippe de Macedonia: *Quære tibi fili alia Regna, nam Macedonia te non capit*; esta sua, e tambem nossa utilidade esteve, em que o tomar a investidura daquelle felicissimo imperio, foy para que ficando na memoria immortal, ostentasse ainda com os seus vassallos a sua beneficencia; e ninguem póde duvidar, que quando os que se amaõ com reciproca fineza, são no apartamento igualmente interessados, não devem ter lugar em algum delles expressoens de mágoas tristes.

Houve o Filho da Virgem de restituir-se ao Reyno, de que por nosso amor se tinha ausentado, e assim o declarou aos seus Discipulos: *Vado ad eum, qui misit me*; desmayaraõ elles assustados com esta não esperada resolução, sendo tanto o sentimento, que lhe penalizava a alma, que sem se poderem reprimir exteriormente, o mostravaõ com tristes signaes, que testemunhavaõ sua afflicção, e grande saudade; mas quando parecia, que Christo havia approvar estas demonstrações de sentimento, fortemente os reprehendeo, como indicios de menos affecto nos Discipulos: *Si diligeretis me, gauderetis utique*; tomando por fundamento desta sua reprehensão o ser a sua ausencia para gloria, utilidade, e conveniencia dos Discipulos: *Quia vado ad Patrem, expedit vobis, ut ego vadam*.

Assim he Senhores, que se ausentou da nossa companhia o nosso Augustissimo Monarca, e foy para Deos, que o tinha mandado a este mundo: *Vado ad eum, qui misit me*; mas na consideração do que está gozando,

do , e as conveniencias , que entereçamos nesta ausencia : *Expedit vobis , ut ego vadam* ; nos deve persuadir , que só he fineza abundar neste lance o coração com alegria ; e o admittir tristezas he argumento de não extremo o nosso affecto : *Si diligeretis me , gauderetis utique* ; accresce para efficaç alivio da nossa saudade , o que particularmente serve de assumpto á oração ; o apartamento , que o nosso Augusto Monarca fez de nós , foy transito para outra melhor vida de duração eterna , para nella lograr a gloria de ser na gloria immortal , justo , e condigno premio das raras virtudes , que exercitou nesta (se bem ajustada) mortal vida : entremos pois já a discorrer algumas acçoens della , que fazer menção de todas não o permite o breve espaço desta hora ; mas do que disser , vireis no conhecimento do que calo , nem esta he a vez primeira , que pela medida de hum só dedo se mostrou a demarcada grandeza de hum gigante.

No anno de 1689 aos 22 de Outubro nasceo no Emporio de Portugal , e sempre celebre Cidade de Lisboa o nosso Augusto Monarca D. João V. grandeza , que só bastava para ennobrecer aquella famosa Corte , e para a fazer decantada nas idades futuras , e em todos os seculos memoravel : gloriem-se as asperrimas , e incultas brenhas de Italia de serem berço de Ulysses , por serem taõ celebrados no mundo os applausos bem merecidos de Homero ; armem cruenta guerra sete Cidades as mais populosas , pertendendo cada huma por triunfo o ser patria deste Heróe. Erijalhe Esmirna (a mais opulenta entre todas) Templos , e Altares , que Lisboa sem contradicção de nenhuma Cidade da Europa , entre as glorias , que a illustraõ , lhe serve a toda de Coroa , o ser sem controversia conhecida por berço do nosso Augusto Monarca. Pirncipiou a Reyna em 9 de Dezembro de 1706 , e foy acclamado no primeiro de Janeiro de 1707 , e logo nos gloriosos principios

cipios de seu feliz Reynado deu evidentes signaes, que nos seus fins lhe havia corresponder a gloria de ser coroado na memoria da immortalidade: *Immortalis est memoria illius*; e como no curso da sua vida vimos, que recopilou em si as mais illustres acçoens dos Heróes da fama assignalando-se na valentia, e amor da patria, como Heitor; na grandeza do animo, como Alexandre; na constancia como Cesar; na liberdade, como Artur; na Religiaõ, como Carlos Magno; na modéstia, como Gofredo; como Josué, em ser idéa dos Princepes, como diz Alapide: *Voluit enim Deus in Josue dare exemplar optimi Imperatoris, & Principis*: na piedade com os defuntos, como Judas Macabeo, e em todas as virtudes, como David; bem manifesto fica, que saõ as memorias da sua immortalidade, naõ só notas a Deos, mas tambem manifestas aos homens: *Quoniam apud Deum nota est, & apud homines*; porêm se logo nasceo com obrigação de imitar as acçoens mais Regias, para que mais se immortalizasse nas memorias, aspirou o seu generoso animo a excedelas com ventagem no seu Reynado.

De Quinto Maximo, e Publio Scipiaõ (conta Salustio) que em as estatuas dos Heróes Romanos aprendiaõ o que deviaõ obrar; e cada vez, que olhavaõ para aquellas virtudes retratadas, sentiaõ no seu coração novos impulsos de fazerem outras semelhantes: *Sepe audiui Quintum Maximum, & Publium Scipionem nostrae civitatis praeclarissimos viros, solitos ista dicere: se cum maiorum imagines intuerentur, maximè animum ad virtutem accendi*; pois se taõ forte he huma imagem do valor, que só introduzida pelos olhos naõ permite socegos ao coração, em quanto naõ emprende acçoens semelhantes ás que o exemplar representa; como se naõ abrazaria o magnanimo coração do nosso Augusto Rey em ardentes desejos de exceder as acçoens dos Heróes da fama, se nellas tinha

(não estranhos) mas proprios retratos do esforço? Se tanto pode a representação morta de huma estatua, que não fará a virtude participada com o sangue? Fez tanto o nosso Serenissimo Rey, quanto não podemos expressar, pôde sim a emulação nobre invejar, mas imitar não; e sem duvida, que bem merece a gloria de immortal, quem como elle assim a todos com o Real, e generoso animo excedeo.

Com guerras entrou no seu feliz Reynado, e foy tal a generosidade do seu Real animo, que conhecendo os estragos, que estas causaõ, se empenhou sem fazer tributario o Reyno a conservar com huma continua paz as vidas, honras, e fazendas dos seus vassallos. Não quiz Deos, que David edificasse o templo, por haver sido guerreiro, e sanguinolento: *Non poteris edificare domum nomini meo, tanto effusa sanguine;* mas deixou esta obra para seu filho Salamaõ, que pela paz, que conservou com os Reynos vizinhos, conseguiu gloriosamente de Rey pacifico o titulo, como continúa o mesmo texto em o cap. 22 do Paralipomenon: *Filius, qui nascitur tibi, erit vir quietissimus; faciam enim requiescere ab omnibus inimicis tuis per circuitum, & ob hanc causam pacificus vocabitur;* como Salamaõ foy o nosso Serenissimo Rey D. Joaõ, que Deos tem, pois deixando seu Pay o Senhor D. Pedro de gloriosa memoria o Reyno em cruenta, se bem justa guerra, como David se empenhou o desejado da nossa saudade a conservallo sempre em paz, como Salamaõ; e ainda que em o nosso Augusto Monarca não houvesse mais virtudes, só esta era mais que bastante, para que todos os seus vassallos entre demonstraçoens sentidas publicassem de taõ grande Rey, como perderaõ, o que na elegancia destes versos cantou de si o Salmonense.

Per te tamen meliore meis superalta perennis

Astra ferar: nomenque erit indelebile nostrum.

Quaque

Quaque patet domitis Romana potentia terris.
Ore legar populi, perque omnia secula fama,
Siquid habet veri, vatum persagia vivam.

Pois só a conservação da paz dos seus estados muito á custa dos seus thesouros era bastante para serem as suas memorias (por manifestas) gloriosamente immortaes: *Immortalis est memoria illius, quoniam apud Deum nota est, & apud homines.*

Naõ só he, e ferá a sua memoria immortal pela paz, em que conservou a seus vassallos; mas tambem pelo culto, com que venerou ao verdadeiro Deos: confesso, que he limitada a energia de Pericles para discorrer nos excessos da generosidade, que abundava em feu, em tudo catholico, e magnanimo coração; pois no muito, que fez em louvor de Deos, o estou vendo em tudo a David semelhante; sim, porque se David era hum Rey taõ pio, e taõ Religioso, que ao Corpo de Deos (figurado em a Arca do testamento) fazia huma procissão muito solemne: *David, & omnis domus Israel ducebant Arcam testamenti Domini in júbilo, & in clangore buccinae;* El Rey D. Joaõ foy hum Rey taõ Religioso, e taõ pio, que ordenou, que ao Corpo de Deos em o Sacramento do Altar se fizesse todos os annos a mais solemne procissão; e se David exercitava grande parte dos seus estudos em a sagrada poesia dos Psalmos: *Stare fecit cantores contra Altare, & in sono eorum dulces fecit modos;* o nosso Augusto Monarca em a ecclesiastica composição dos córos he, que occupava naõ pequena parte dos seus cuidados; mas ainda o heide mostrar com mais clareza.

Dilatou David a vista pelos seculos futuros, e vendo os sacrilegios, com que Deos havia ser offendido no templo, devotamente protestou a sua fé: *Credidi propter quod locutus sum;* e protestou louvar do mayor modo possivel a Deos offendido, como diz
 o Para-

o Parafraste Caldeo : *Propterea loquar , & laudavi maiorem im modum ; e logo humilhado naõ 16 prometteo veneraçõens ao Sacramento : Calicem salutaris accipiam , eo modo transfertur ad calicem Eucharistiæ ; como disse Genebrardo , mas tambem se dispoz a publicos obsequios : Vota mea Domino reddam coram omni populo e jus ; e para pôr em publico estes nõvos louvores , e sacrificios , determinou , que fossem por Sacerdotes , e por musicos administrados : Tibi sacrificabo hostiam laudis , scilicet (comenta o meu Lira) Per Sacerdotes hostias offerentes , & cantores in sacrificiis laudes divinas dicentes ; e para que tudo se fizesse á medida do seu desejo , diz Genebrardo , que promettera a Deos hum Templo feito á custa do seu thesouro : Vota mea Domino reddam , idest , de denariis , que offeruntur ad edificationem ædis sacræ ; isto foy o que fez David : e lançay agora os olhos ao que vemos em este Reyno , e vereis , que he isto o mesmo , que executou , e excedeo o nõsso Augusto Monarca.*

Publique-o a grandeza , e magnificencia , com que ornou a Santa Basilica Patriarchal , e o Regio Convento de Mafra , onde (deixando outros muitos Templos , que em louvor de Deos erigio) parece que nestes dous empenhou o seu poder , para que por Sacerdotes , e Musicos fosse Deos eternamente louvado. E se David proclama despezas na edificaçãõ do Templo , o devoto culto do nõsso Augusto Monarca foy taõ liberal , que nos Templos , e no que para o culto Divino era necessario , dispendeo tanto , que bem podemos dizer com Claudiano , que se o fogo derretesse a prata , que gastou em obras pias , encheria lagos , e correriaõ rios.

Si solverit ignis.

Quas dedit immanes sacra stipendia gazas,

Argenti potuere lacus , & flumina fundi.

E se David ficou immortal na memoria pelo muito ,
que

que no culto de Deos obrou, obrando o nosso Augusto Monarca, se não mais, ao menos o mesmo, bem se segue, que haõ de ser immortaes as suas memorias: *Immortalis est memoria illius*; pois não só para Deos, mas tambem para os homens foraõ notas, e manifestas as suas acçoens: *Quoniam apud Deum nota est, & apud homines.*

Novo, e ultimo motivo se me offerece agora para verificar o meu assumpto, de que ha de ser immortal a memoria do nosso Augusto Rey D. Joaõ; pois não se contentando, de que no estreito campo desta vida fosse a sua piedade util para os homens, ao mesmo tempo, que era tanto do agrado de Deos, a estendia tambem pelas vastas Regioens da morte. Lá chorou Alexandre, quando ouviu ao Filosofo Anaxarco, que havia mais mundos, por ver que ainda não tinha chegado a dominar hum: mas se Alexandre chorava por ambicioso, alegrava-se o nosso Rey, de que a fé lhe ensinasse, que havia mais mundos do que este em que vivemos; porque com esta noticia se animava a conquistar o mundo celeste por meyo das obras, com que edificava o mundo terrestre, e por meyo das Missas, sufragios, e esmólas, com que soccorria a mayor parte do mundo subterraneo, fazendo resplandecer lá no coração da terra os seus beneficios, pelo alivio das almas do Purgatorio, perpetuando a sua devoção nas nossas memorias com o indulto, que a seu favor alcançou nas tres Missas, que annualmente se celebraõ em dous de Novembro, de cujas profundas minas da devoção tirava copiosissimos thesouros de merecimentos. E se até em o outro mundo experimentaraõ as Almas a piedade do nosso Augusto Monarca, como não havemos publicar, que para Deos, e para os homens haõ de ser as suas memorias immortaes? Mas o certo he, que ao mesmo tempo. em que devemos applaudir tanta ventura, como gloria sua, devemos

vemos tambem lamentar a sua falta como perda nossa; porque a falta de hum tal Rey, parece, que só Deos em pessoa a póde substituir.

Cançado o povo Israelitico com a falta, que experimentou na tardança de Moysés, foy ter com Aaraõ, que os proveste de Princepe, que os governasse; mas saõ de notar as mysteriosas palavras, com que fizeraõ o seu requerimento: *Fac nobis Deos, qui nos precedant, Moyse enim ignoramus, quid acciderit; vemo-nos sem Princepe, que nos guie, e que nos governe, pois naõ sabemos o que he feito de Moysés, e já que elle nos falta, queremos Deoses, que nos governem.* Notavel dizer! Pois os successores de hum homem naõ haõ de ser menos, que huns fugeitos divinos? Sim; porque, como diz Abulense, na estimacão dos Israelitas só hum Deos podia substituir a falta de hum tal homem, e de hum tal Princepe como Moysés: *Visum fuit eis, quod nullum sufficientem directorem habere poterant, nisi Deus esset.* Mas ó saudade, e quanto nos atormentas! ó memoria, e quanto nos martyrizas! Mas ó morte, que se na vida, que nos roubastes em taõ grande Rey, nos necessitas a sentir tanto a sua falta, que para a nossa saudade, só parece, que a podia substituir a pessoa de Deos, por ser Monarca, que entre todos se admirou mayor: *Non surrexit maior Joane*; tambem entre os teus rigores achamos a outro Rey, que naõ sendo Deos, como pediaõ os Israelitas: *Fac nobis Deos*; tem em o nome de Joseph o ser augmento de Deos: *Joseph, idest augmentum Domini*; e se quando querias descarregar o ultimo golpe da tua tyrannia, pediu o nosso Augusto Monarca a seu filho, que hoje felizmente como Vice-Deos nos governa, conservasse o zelo do Divino Culto, e a rectidaõ da justiça, em que sempre se exercitou; nesta demora, que fizestes, nos obrigastes a que melhor conhecessemos, que em tudo haviaõ de ser

fer immortaes as suas memorias : *Immortalis est memoria illius.*

Mas como não havemos dizer assim, se chegou a tanto a sua virtude, que para que a todos os seus vassallos edificasse, se reveſtio de huma humildade ta õ santa, que professando na sua enfermidade a terceira Regra de meu grande Padre S. Francisco ao tempo, em que havia fazer o solemne acto da profiſſaõ, nunca quiz dizer *Eu D. Joaõ*; mas sim *Eu Joaõ peccador*, e o mais pessimo de todos os homens. Ora suspende-te discurso, pois só isto bastava para a pezar da cruel morte o publicares immortal nas nossas memorias; e como não só na vida, mas na morte quiz mostrar o quanto venerava o Sagrado das Religioens, e Sacerdocio, bem podemos delle publicar, o que do zelo, e veneraçãõ de David disse Merliano, nestes versos.

Principis æterni sacros venerare ministros.

Tunc tibi perpetuum Cœlitus auxilium.

Qui colit Ecclesiam, felici navigat aura.

At qui contemptit, tendit ad exitium.

Quiz finalmente o nosso Religiosissimo Monarca mostrar ao mundo, que no seu Real animo só tinhaõ lugar as maximas, que servem á Religiaõ, e ao seu augmento; porque evidentemente conheceo, que só dilatando o Imperio do Supremo Monarca da eternidade, podia conseguir em o Ceo huma bemaventurança eternamente gloriosa, e alcançar na terra huma memoria gloriosamente immortal : *Immortalis est memoria illius, quoniam apud Deum nota est, & apud homines.*

Assim o confessará sempre (Senhor Augustissimo) cheyo de admiraçãõ, e de respeito o mundo todo, pois só vós soubestes o segredo de vos fazeres gloriosamente immortal na eternidade, e no tempo; porque com a grandeza das vossas acçoens soubestes escrever no livro da vida, que a immortalidade gloriosa só

C

das

das virtudes he premio : todos desejaõ ser immortaes ;
mas ignoraõ o caminho ; porque desprezando a virtu-
de, como indigna da grandeza, naõ advertem, que
só a virtude he a porta, por onde no templo da im-
mortalidade se entra ; mas se estes acabando a vida,
se ha de sepultar com o cadaver a sua fama, a vossa
Augusta memoria, livre da jurisdicaõ do tempo, se
conservará sempre gloriosa, e immortal, pois até ao
fim dos seculos diremos como leais, e obrigados vas-
sallos : *Requiescat in pace. Amen.*

F I M.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
13
MAY
41
2880

